

NAS MARGENS DO FUTEBOL, A LITERATURA (E VICE-VERSA)

*AT THE MARGINS OF SOCCER, LITERATURE
(AND VICE-VERSA)*

Marcelino Rodrigues da Silva

RESUMO: Baseado na bibliografia atual sobre o esporte enquanto fenômeno cultural e social, este trabalho busca discutir as relações entre literatura e futebol, particularmente no contexto brasileiro. Pensando o esporte como um discurso endereçado ao público, o papel da literatura seria transformar e reinventar os sentidos socialmente atribuídos ao jogo, ampliando suas ligações com outros domínios da vida social. Dessa forma, a reflexão sobre as dimensões culturais do futebol demanda dos pesquisadores uma abordagem transdisciplinar, na qual os estudos literários têm uma tarefa importante a cumprir.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; literatura; discurso; espetáculo; jornalismo.

ABSTRACT: *Based on the current bibliography on sports as a cultural and social phenomena, this work aims to discuss the relationship between football and literature, particularly in the Brazilian context. Thinking about sports as a discourse addressed to the audience, the role of literature would be to transform and to reinvent the meanings socially attributed to the game, expanding its connections with other domains of social life. Thereby, the reflection about the cultural dimension of football demands from the researchers a transdisciplinary approach, in which literary studies have an important task to accomplish.*

KEYWORDS: *football; literature; discourse; spectacle; journalism.*

Quando se pensa nas relações entre futebol e literatura, as atenções geralmente se dirigem à utilização do esporte como tema de obras literárias. O assunto, evidentemente, é de grande interesse, pois une dois campos importantes na vida cultural moderna e contemporânea, especialmente quando se fala na história brasileira do último século. Desse encontro surgiram, por exemplo, alguns textos memoráveis de autores como Oswald de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade, ícones de primeira grandeza no campo literário. Mas a verdade é que, se pensarmos no cânone literário legitimado pela crítica e pela academia, o futebol não recebeu a atenção que merecia, considerando a amplitude de sua presença na sociedade brasileira. A grande maioria dos autores consagrados na literatura se dedicou apenas eventualmente ao esporte, e são de fato muito raras as obras ficcionais de maior fôlego dedicadas ao tema, como o romance *Flô*,

o goleiro melhor do mundo, de Thomaz Mazzoni, e o livro de contos *Maracanã, Adeus*, de Edilberto Coutinho.

Essa escassez poderia sugerir que futebol e literatura não estabelecem relações relevantes na cultura brasileira, o que seria realmente estarrecedor e talvez pudesse ser explicado pelo caráter elitista que a atividade literária, ao contrário do esporte, possui no país. A resposta para esse enigma, no entanto, é mais facilmente encontrada quando nos deslocamos do centro da tradição literária e procuramos essas relações na multiplicidade de discursos que a sociedade produz a partir do futebol. Os hinos e livros sobre a história dos clubes, os cantos das torcidas, a multiplicidade de gêneros jornalísticos, o cinema e até mesmo alguns trabalhos acadêmicos podem ser considerados como discursos híbridos, nos quais a literatura – como modo de utilização da linguagem que explora deliberadamente suas potencialidades, conferindo-lhe uma dimensão de autonomia e ficcionalidade – se encontra eventualmente implicada. Sem falar na possibilidade de tomar o próprio jogo como linguagem ou discurso, aproximando-o das artes e interpretando-o a partir de categorias afins ao campo literário, como fizeram autores como o cineasta Pier Paolo Pasolini, o antropólogo Roberto DaMatta e o ensaísta e professor de literatura José Miguel Wisnik. Temos, portanto, na ideia do esporte como discurso e nos discursos que a sociedade produz sobre ele, aspectos do fenômeno futebolístico que se aproximam do campo dos estudos da linguagem e da literatura. Neste trabalho, tentarei explorar brevemente essas duas possibilidades e certas relações que se pode estabelecer entre elas, recuperando hipóteses que desenvolvi em minha trajetória de pesquisas sobre o futebol, realizada no campo dos estudos literários, e colocando-as em diálogo com alguns títulos da bibliografia atual sobre o tema.

O FUTEBOL COMO DISCURSO

Em um artigo intitulado “A falação esportiva”, Umberto Eco (1984) reflete sobre o esporte enquanto prática, no qual dialogam um elemento de desperdício e outro de disciplina e controle, e suas manifestações no mundo contemporâneo, quando ele se torna, sobretudo, um grande espetáculo midiático. Em certo momento dessa reflexão, Eco propõe, por meio da noção de “esporte ao quadrado”, a ideia do espetáculo esportivo como um discurso dirigido ao espectador. Essa passagem ocorre “quando o esporte, de jogo que era jogado em primeira pessoa, se torna uma espécie de discurso sobre o jogo, ou seja, o jogo enquanto espetáculo para os outros, e depois o jogo enquanto jogado por outros e visto por mim.” (ECO, 1984, p. 222). A ideia do jogo como linguagem ou discurso, que é convergente com os fundamentos de disciplinas que ocuparam o centro do debate intelectual no século XX, como

a Antropologia, a Linguística e a Semiologia, está de certo modo subentendida em grande parte dos estudos acadêmicos sobre os esportes, entre eles os que se interessam pelo futebol e sua presença na história cultural brasileira.

Isso pode ser visto já nos primeiros trabalhos que, a partir do final da década de 1970, começaram a fazer do futebol um assunto de interesse acadêmico. Um bom exemplo pode ser dado pelo importante ensaio “Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social?”, em que Roberto DaMatta (1986)¹ se vale do conceito de “drama social” (inspirado em Max Gluckman e Victor Turner) para pensar sobre as relações entre o esporte e a sociedade brasileira. “Um dos pressupostos básicos da ideia de drama social”, explica DaMatta, “é que uma sociedade sempre se reproduz a si mesma em quaisquer domínios sociais que institui em seu meio”. Desse modo, continua o antropólogo, o futebol “seria um modo específico – entre outros – pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, revela-se, exhibe-se, deixando-se descobrir” (DAMATTA, 1986, p. 105). Embora isso não seja explicitado por DaMatta, é o conceito clássico de drama, estabelecido por Platão e Aristóteles nos primórdios da Teoria da Literatura, que serve como operador para a leitura do esporte como representação dos “dilemas sociais”. No mesmo ensaio, o autor afirma também que o jogo de futebol pode ser visto “como uma metáfora da própria vida”, valendo-se outra vez de uma categoria bastante familiar ao campo literário para pensar sobre o esporte (DAMATTA, 1986, p. 109).

Perspectiva semelhante pode ser encontrada em muitos outros textos sobre o futebol no Brasil. Entre os trabalhos pioneiros, podem ser lembrados os ensaios “O futebol no Brasil”, de Anatol Rosenfeld (1993), e “Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol”, de Luiz Felipe Baêta Neves (1979). O primeiro – publicado originalmente em alemão, ainda em 1956 – considera o esporte uma forma de “expressão lúdico-simbólica” ou “representação organizada”, por meio da qual a sociedade brasileira expia e sublima impulsos primitivos e tensões da vida social, convergindo portanto com o conceito de drama na ideia do esporte como “catarse de massas” (ROSENFELD, 1993, p. 105-106). Já o segundo investiga as “possibilidades de apropriação ideológica” do futebol e as “mensagens” que ele veicula no contexto brasileiro (NEVES, 1979, p. 1). Respondendo mais tarde a esses precursores, podemos mencionar o artigo “A vitória do futebol que incorporou a pelada”, de

¹ As citações a seguir são do livro *Explorações – ensaios de sociologia interpretativa*, uma coletânea de ensaios de Roberto DaMatta, publicada em 1986. Uma versão um pouco diferente do artigo foi publicada em 1982, no livro *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, com o título “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”. Esse livro, que reúne ensaios de DaMatta, Luiz Felipe Baêta Neves, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel, pode ser considerado (juntamente com outros textos, alguns dos quais citados mais à frente) um dos marcos na constituição de um campo de estudos sobre o futebol no Brasil.

José Sergio Leite Lopes (1994), para quem o esporte oferece à sociedade brasileira “uma linguagem comum, compreendida por todas as classes”, que cumpriu historicamente tanto a função de “linguagem de mobilização” quanto de “linguagem de negociação” (LOPES, 1994, p. 78). Outro exemplo é o livro *Footballmania*, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), que parte de uma concepção de cultura “como um meio de efetivação de disputas e embates entre diferentes práticas e tradições” (PEREIRA, 2000, p. 18), para investigar o “jogo dos sentidos” pelo qual o futebol foi apropriado e interpretado pelos diferentes grupos sociais que viviam no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.

Em todas essas formulações, como em muitas outras, a utilização de categorias afins aos estudos da linguagem e da literatura assinala o reconhecimento de que a prática esportiva, quando transformada em espetáculo, se torna uma espécie de campo simbólico, assumindo do ponto de vista do público uma série de relações com outros domínios da vida. A alternativa entre vitória e derrota, a marcha do placar e dos campeonatos, a bola rolando sobre o campo gramado a céu aberto, os erros e acertos do juiz, o comportamento e o estilo de jogo dos atletas, os clubes e seus emblemas e tradições; enfim, os personagens, acontecimentos e instituições que compõem o mundo fechado do jogo se tornam significantes, remetendo a coisas que estão fora do jogo.

Contudo, em grande parte dos trabalhos sobre o futebol, vinculados a disciplinas como a História, a Antropologia e a Sociologia, esse aspecto do espetáculo esportivo não ocupa o centro da reflexão, passando-se de modo mais ou menos ligeiro pelas implicações teóricas de noções como linguagem, discurso, mensagem e representação. Já existe, entretanto, um número significativo de trabalhos que faz desse salto que leva do jogo ao sentido sua questão fundamental, falando dos jogos e dos esportes em geral e do futebol e sua presença no Brasil, em particular.

Em alguns desses trabalhos, reafirma-se a ideia do espetáculo esportivo como representação, vista em DaMatta e outros autores, buscando-se por vezes associar a pesquisa histórica a uma reflexão teórica sobre o fenômeno futebolístico. Essa intenção abrangente está presente, por exemplo, no livro *A dança dos deuses*, de Hilário Franco Júnior (2007), que ultrapassa o contexto brasileiro moderno e contemporâneo, abarcando também a Europa e os diversos jogos semelhantes ao futebol que existiram em diferentes épocas e civilizações. Nesse livro, o autor defende explicitamente a ideia do futebol como “representação imaginária”, aproximando-o por isso “do cinema, do teatro, da literatura e das artes em geral” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 394). Após uma abordagem do esporte como “micro-história do mundo contemporâneo”, nos contextos europeu e brasileiro, o autor se dedica a um laborioso exercício de diálogo interdisciplinar, baseado na premissa do futebol

como uma “metáfora de cada um dos planos essenciais do viver humano”, explorando detalhadamente os diversos aspectos (sociológico, psicológico, linguístico etc) desse potencial imagético do esporte (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 166).

Há, no entanto, exceções a essa perspectiva, como o interessante trabalho do teórico da literatura alemão Hans Ulrich Gumbrecht, que em diversas oportunidades vem pondo em xeque a ideia do futebol como representação e contrapondo-a a uma visão do esporte como fenômeno estético-formal de “produção de presença”, sem a implicação de um nível semântico imanente. No artigo “Comunidades imaginadas”, por exemplo, Gumbrecht (2006) questiona a relação entre os estilos de futebol e as identidades nacionais, explicando suas diferenças pela lógica interna do jogo, que sanciona e faz reproduzir os modos de jogar que obtiverem maior sucesso esportivo. Assim, uma coisa é reconhecer a especificidade de um estilo brasileiro de jogo, outra é “saber se as virtudes do futebol brasileiro (...) têm realmente algo a ver com a componente africana dessa cultura, como Gilberto Freyre sugeriu na alvorada histórica da glória futebolística nacional” (GUMBRECHT, 2006, p. 5). Mas esse questionamento da dimensão semântica do futebol convive, no pensamento do autor, com descrições precisas da dinâmica e das especificidades formais do futebol, nas quais insiste o paralelo com a arte e a linguagem. Como em sua definição da “bela jogada” como “fascinação estética”, “epifania” e “manifestação de uma coreografia e de uma forma corporizadas, que se apaga no mesmo instante em que começa a se desvendar” (GUMBRECHT, 2006, p. 4).

Partindo de um conjunto bastante amplo de referências – entre elas o próprio Gumbrecht e um curioso artigo em que Pasolini esboça uma teoria do futebol como linguagem, distinguindo entre estilos de jogo mais próximos da prosa e da poesia –, José Miguel Wisnik, no seu recente *Veneno remédio* (2008), é um dos que mais avançam na reflexão sobre esse aspecto discursivo do esporte. Reconhecendo que “a esmagadora maioria dos livros” sobre o futebol fala principalmente de seu entorno (“aquilo que cerca, mobiliza, reage, produz, envolve, explora o mundo do jogo”), o autor se propõe a “tratar desse buraco negro que é o próprio campo do jogo, perguntando sobre o que acontece nele”, para daí “perseguir as ligações entre o jogo e os processos que o cercam” (WISNIK, 2008, p. 18). A “tese de fundo” do livro de Wisnik é a de que, “pela singularidade da sua formulação” (especialmente o fato de ser jogado com os pés, o que lhe dá uma grande dose de incerteza e variação), o futebol “abre-se, mais do que os demais esportes, a uma margem narrativa que admite o épico, o dramático, o trágico, o lírico, o cômico, o paródico” (WISNIK, 2008, p. 19). Assim, o autor encontra uma posição intermediária entre a “produção de presença” e a representação, considerando o futebol como um “sistema simbólico” que coloca em questão “a estrutura dialética e diferencial do sujeito” e efe-

rece um esquema “genérico o bastante para não representar nenhum conteúdo previamente determinado”, “deixando-se investir por conotações ora mais difusas ora mais direcionadas, em que se engancham modos de relação entre indivíduos e grupos” (WISNIK, 2008, p. 46-47). Os diversos sentidos assumidos pelo esporte, nos diferentes contextos e para os diferentes sujeitos que dele se apropriam, seriam então uma “questão de interpretação”, mais do que uma realidade interna ao próprio jogo (WISNIK, 2008, p. 27).

Em sua argumentação, Wisnik desdobra essa tese e identifica as características específicas da linguagem do futebol, responsáveis pelo lugar privilegiado que ele ocupa em nossa cultura: “seus componentes de indeterminação, sua abertura estrutural à interpretação, à contingência e ao acaso, sua margem de acontecimento incontabilizável, sua combinação de finalismo com gratuidade, suas ‘barrigas’ sem acontecimento e suas curvas orgásticas, tudo isso apontando para uma narrativa diversificada que pode se traduzir em gêneros e estilos” (WISNIK, 2008, p. 114). Desenvolvendo a distinção de Pasolini, entre estilos futebolísticos em prosa e poesia, o autor amplia sua descrição, afirmando que “o jogo de futebol é a arena de um ‘diálogo’ polêmico e plural, corporal, não verbal, onde valem prosa e poesia, leveza e força, argumento e parábola, silogismo e eclipse” (WISNIK, 2008, p. 120).

Este breve apanhado de algumas reflexões sobre a ideia do futebol como linguagem ou discurso não é, evidentemente, suficiente para qualquer aprofundamento na questão. Tem unicamente a finalidade de apontar para sua efetiva presença em diferentes abordagens do fenômeno futebolístico e indicar rapidamente alguns caminhos pelos quais ela pode ser explorada. A reiterada presença de categorias afins ao campo dos estudos da linguagem e da literatura não é, obviamente, casual, evidenciando a pertinência dessa ideia, quer consideremos ou não como válidas as diferentes teses sobre ela. O debate sobre a dimensão simbólica do futebol, portanto, não pode prescindir das contribuições oferecidas por esse campo do conhecimento, sob o risco da naturalização e da aceitação não problematizada das categorias teóricas e das eventuais análises e interpretações que nelas se fundamentem.

OS DISCURSOS SOBRE O FUTEBOL

Voltemos ao artigo “A falação esportiva”, de Umberto Eco (1984), que serviu de mote no início deste trabalho. Depois de falar a respeito do espetáculo esportivo como discurso dirigido ao espectador, o teórico italiano acrescenta outra camada à sua reflexão sobre o universo dos esportes: o “esporte ao quadrado (...) engen-

dra um esporte ao cubo, que é o discurso sobre o esporte enquanto assistido: esse discurso é em primeira instância o da imprensa esportiva”. Essa passagem, por sua vez, desencadeia um mecanismo sem travas, engendrando o “discurso sobre a imprensa esportiva”, e daí por diante, conduzindo então ao “esporte elevado à enéssima potência”. “O esporte atual”, conclui Eco, “é essencialmente um discurso sobre a imprensa esportiva: para além dos três diafragmas está o esporte praticado, que no limite poderia não existir”, pois “a falação sobre a falação da imprensa esportiva representa um jogo com todas as suas regras” (ECO, 1984, p. 223-224). Na avaliação desse fenômeno, o autor oscila entre a velha ideia do discurso sobre o esporte como “sucedâneo do discurso político”, complementando a função circense do próprio jogo, e a hipótese de que ele cumpriria uma função fática, “porque mantém em exercício a possibilidade de comunicação, para fins de outras e mais substanciais comunicações” (ECO, 1984, p. 224-225).

Se pensarmos na produção acadêmica sobre a cultura e a história do futebol no Brasil, devemos concordar com Wisnik que é nesse campo – o dos discursos sobre o esporte, mais do que a prática esportiva propriamente dita – que se move a maior parte dos estudos. Mas, no interior desse conjunto, devemos distinguir entre os trabalhos que utilizam esses discursos como fonte, documentação e referência para reflexões que dizem respeito a outros temas (as relações do futebol com a política e com o desenvolvimento das cidades, as instituições e estruturas legais que regulam sua prática, as identidades clubísticas e suas ligações com os grupos sociais, o comportamento das torcidas organizadas etc), e os que fazem do próprio funcionamento desse universo discursivo seu objeto central de reflexão. Entre esses últimos, poderíamos mencionar os trabalhos sobre a linguagem futebolística e sua utilização metafórica em outros campos, o esporte como tema de obras literárias, cinematográficas e de outras artes, o radialismo e a imprensa esportiva etc. Mesmo nesses casos, contudo, nem sempre a condição de interpretação do jogo desses discursos é devidamente posta em questão, talvez em consequência daquela lacuna apontada anteriormente, relativa à escassez de trabalhos que se debruçam sobre a ideia do próprio jogo como linguagem ou discurso.

Tentando contribuir com essa discussão, concluí em 1997 a dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, onde os textos desse autor serviam como exemplo para uma discussão teórica sobre os processos por meio dos quais a sociedade investe no futebol significações que extrapolam o campo esportivo. A ideia central, de certo modo aproximada à de Wisnik, era a de que o jogo, como prática, tem uma sistematicidade formal semelhante à da linguagem, mas só adquire significação na medida em que é interpretado e posto em relação com o que está fora dele. Nesse processo,

a transformação do futebol num espetáculo capaz de mobilizar a atenção de um público de enormes proporções e motivar a produção de uma verdadeira infinidade de discursos, cumpriria a função de lançar os signos esportivos numa gigantesca teia interpretativa, que desloca incessantemente essas significações, conectando-as a outros campos da vida humana. Por sua variedade polifônica e sua presença massiva nos meios de comunicação, os discursos do jornalismo esportivo cobririam uma parte importante dessa teia, abrigando dentro dele gêneros como a crônica, a charge e a anedota humorística, mais livres da chamada “objetividade jornalística” e conseqüentemente mais propensos a efetuar esses deslocamentos de sentido. Com seu desprezo pelos “idiotas da objetividade”, sua verve tragicômica e sua retórica às avessas, as crônicas de Nelson Rodrigues exemplificavam de modo eloquente essa hipótese.

Tratava-se, portanto, de compreender as significações do futebol como uma produção, que recria e transforma os signos do jogo, atualizando-os permanentemente segundo as necessidades e possibilidades simbólicas de cada intérprete e cada contexto interpretativo. Na sua simplicidade de um trabalho de iniciante, essa hipótese nada tinha de extraordinário, organizando e articulando em relação ao futebol ideias e concepções já bastante consolidadas sobre o funcionamento dos processos de significação, na linguagem verbal e em outros sistemas, e sobre suas realizações particulares e contextualizadas, a que chamamos discurso. Sua novidade consistia, talvez, na proposição teórica de uma função para a literatura no processo pelo qual o futebol adquire suas significações num determinado contexto.

Por isso, ainda que não se dediquem prioritariamente à discussão teórica sobre a relação entre o jogo e o discurso sobre ele, diversos outros trabalhos se aproximam desse raciocínio. No universo dos estudos que fazem do discurso sobre o futebol seu objeto privilegiado de atenção, temos, entre outros, o pouco conhecido *Futebol e palavra*, de Ivan Cavalcanti Proença (1981), e *O futebol em Nelson Rodrigues*, de José Carlos Marques (2003), livros em que a crônica é pensada na sua condição de reinvenção literária do universo esportivo. E mesmo nos trabalhos dedicados a outros problemas e vinculados a outras disciplinas, é preciso reconhecer que a discussão tem avançado, aproximando-se por diferentes flancos dessa questão. É o caso, por exemplo, dos estudos sobre o processo de popularização do futebol no Brasil, especialmente no campo da historiografia, em que o papel do jornalismo na construção de uma mitologia esportiva da identidade cultural vem sendo bastante discutido.

No seu pioneiro *História política do futebol brasileiro*, Joel Rufino dos Santos (1981) já defende a hipótese de que nas primeiras décadas do século XX a imprensa teria contribuído para que o futebol funcionasse como substituto para as ativida-

des sindicais e maltas de capoeiras que perturbavam a ordem das grandes cidades no início do século XX. Seguindo por trilha aproximada, Plínio José Labriola sustenta, no artigo “Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40” (1999), que jornalistas como Thomaz Mazzoni e Mário Filho teriam contribuído com o projeto populista de Getúlio Vargas, ajudando a projetar no esporte os ideais nacionalistas de integração regional e racial. Em todo o bem documentado *Footballmania*, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), os jornais e revistas das primeiras décadas do século XX são vistos como instâncias de interpretação, por meio das quais os sujeitos e grupos sociais exerciam e disputavam a hegemonia sobre as significações do futebol. Falando sobre as atividades jornalísticas e políticas de Mário Filho, especialmente sua participação na campanha pelo profissionalismo na década de 1930, José Sergio Leite Lopes, no artigo “A vitória do futebol que incorporou a pelada” (1994), vê o jornalista como “um reformador menos das regras explícitas do futebol que do sentido do jogo”, o que faria da “invenção do jornalismo esportivo” e da “invenção do futebol profissional”, “dois aspectos de uma mesma invenção” (LOPES, 1994, p. 77, 82).

Se a atuação de Mário Filho como jornalista e agitador do mundo esportivo já ocupa um lugar de destaque nas discussões sobre a história do futebol no Brasil, chamando a atenção para os discursos que interpretam o jogo, a temperatura do debate e a proximidade com essa questão atingem seu ponto máximo nos trabalhos que enfocam o livro *O negro no futebol brasileiro*, o mais importante dentre os diversos que o autor escreveu durante seus mais de quarenta anos de militância no esporte.² Utilizado desde os trabalhos pioneiros do final da década de 1970 até os dias de hoje como referência obrigatória para se falar no passado do futebol brasileiro, o livro tem sido apontado como a principal matriz historiográfica sobre o tema e o responsável pela cristalização da versão que projeta nesse passado uma narrativa de construção da identidade nacional. Justamente por isso, seu caráter interpretativo e seu estatuto genérico, indecível entre a história e a literatura, vêm sendo frequentemente postos em questão, bem como sua validade e sua especificidade como fonte de pesquisa histórica.

O debate é interessante porque coloca em questão a presença do literário como perturbação de uma suposta fidelidade do relato em relação ao acontecimento, como se pode ver no artigo “História e invenção de tradições no campo do futebol”, de Antonio Jorge Soares, que foi publicado pela revista *Estudos Históricos*

2 O livro, como se sabe, tem duas versões, uma de 1947 e outra de 1964, à qual foram acrescentados dois capítulos que atualizaram o relato com os acontecimentos que vieram após a publicação da primeira edição, especialmente os resultados das Copas do Mundo e suas consequências na posição do negro no esporte e na sociedade brasileira.

em 1999 e provocou intensa polêmica, criticando por falta de rigor metodológico o uso que tem sido feito desse livro pelos historiadores do futebol no país. Para Soares, *O negro no futebol brasileiro* é uma “crônica romanceada do futebol” e “um romance que é um épico do negro no futebol brasileiro” (SOARES, 1999, p. 121), encaixando todos os episódios numa moldura narrativa mitológica, semelhante à dos contos maravilhosos estudados pelo russo Vladimir Propp, que distorce o passado, transformando-o numa saga de ascensão social do negro. Essa moldura narrativa estaria sendo repetida de modo acrítico pelos historiadores, sem o cotejamento com outras fontes e sem o questionamento de sua validade como interpretação da história do futebol brasileiro.

Como se poderia supor, o texto de Antonio Jorge Soares provocou respostas de alguns dos autores criticados por ele, como Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr., que publicaram no mesmo número da revista o artigo “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol” (1999), e Mauricio Murad, que publicou no número seguinte o artigo “Considerações possíveis de uma resposta necessária” (1999). Nessas réplicas, no entanto, a atenção se concentra na importância da questão racial na história do futebol brasileiro e na existência de comprovações documentais sobre o assunto, assim como na concepção de história e de sua relação com o documento endossada por Soares, deixando em segundo plano a discussão sobre as características do livro de Mário Filho. De qualquer modo, ambos os textos se mostram conscientes das questões implicadas pelo estatuto fronteiriço da obra: enquanto Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. esforçam-se para reconhecer suas especificidades como fonte secundária e observam que os “causos” narrados por Mário Filho têm uma “força própria”, que “transcende a tentativa de encaixá-los numa totalidade” (HELAL e GORDON JR., 1999, p. 150), Mauricio Murad questiona a “tonalidade pejorativa” que a utilização da categoria romance possui no texto de Soares e procura corrigir o enquadramento genérico proposto por ele, criticando o uso pouco criterioso dos conceitos da Teoria da Literatura e afirmando que “o mais correto, (...) na linha do artigo, seria qualificá-lo como crônica” (MURAD, 1999, p. 437).

Atraído pela importância do trabalho de Mário Filho, dediquei a ele minha pesquisa de Doutorado em Literatura Comparada, concluída em 2003 e publicada em 2006 com o título *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Partindo das ideias defendidas no Mestrado, busquei compreender e avaliar o papel de Mário Filho na construção do imaginário esportivo brasileiro, analisando mais detidamente alguns momentos de sua produção jornalística e o livro *O negro no futebol brasileiro*. Nessa análise, tentei demonstrar que, ao lado da moldura narrativa constituída pela saga de ascensão do negro, o livro possui também uma

abertura para episódios, discursos e pontos de vista que não se encaixam confortavelmente nessa moldura. Na tessitura da prosa coloquial e cronística de Mário Filho, estariam permanentemente em jogo, ao mesmo tempo, o desejo de reunir o maior número de episódios e personagens recolhidos em sua pesquisa e seu contato cotidiano com o mundo esportivo e o objetivo de dar a esse conjunto múltiplo e heterogêneo de elementos um sentido e uma unidade interpretativa. A convivência conflituosa e nunca resolvida entre essas duas tendências daria ao livro as características do memorialismo, gênero de fronteira entre o histórico e o literário, no qual a recuperação do passado toca perigosamente as margens do ficcional.

PONTO DE ENCONTRO

Não foi por acaso que, tanto no Mestrado quanto no Doutorado, optei por trabalhar com textos híbridos e fronteiros, como a crônica e o memorialismo, em que o literário e o ficcional se encontram em tensão com a opinião, a notícia e a historiografia. Nos dois momentos, identifiquei esses textos como lugares privilegiados de produção e deslocamento dos sentidos atribuídos aos signos esportivos e tentei mostrar a importância de sua dimensão literária para o exercício dessas funções. Nas crônicas de Nelson Rodrigues, o futebol se transforma num teatro, onde o que ele procura “é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão”, como dizia o próprio cronista, citando quase literalmente a definição de Aristóteles para o gênero dramático. O que lhe interessava não era a bola, mas “o ser humano por trás da bola” (RODRIGUES, 1993, p. 104). Por isso, cabia ao cronista “pentear ou desgrenhar o acontecimento, e, de qualquer forma, negar a sua imagem autêntica e alvar” (RODRIGUES, 1994, p. 12). Se os fatos o contradissem, “pior para os fatos”.

Sobre o livro de Mário Filho, sua arte parece remeter a Homero, como Nelson gostava de dizer, e ao desejo insaciável de recuperação do passado em Marcel Proust e Pedro Nava. Ou talvez ao arquétipo do narrador tradicional, conforme a clássica descrição de Walter Benjamin (1994), com sua função de conectar a vida de cada um à teia da narração e da memória, para lidar ainda que de modo precário com a multiplicidade e a opacidade do vivido. Narração e interpretação se diluem uma na outra, mantendo um equilíbrio instável entre unidade e diversidade, capaz de capturar o leitor por diferentes entradas e estabelecer, através dele, diferentes linhas de fuga.

Ao lado desses dois autores, muitos outros escritores-jornalistas participaram dessa obra coletiva de grandes proporções que é a memória e a tradição do futebol brasileiro. Junto com eles, outros tantos radialistas, chargistas, humoristas, artis-

tas plásticos, cineastas etc, que de alguma forma contribuíram para os deslocamentos de sentido que moldaram essa tradição e a mantiveram em permanente e mutável conexão com a vida. Desde o humor das revistas de variedades e das acirradas polêmicas jornalísticas das primeiras décadas do século XX (como a que opôs Coelho Neto e Lima Barreto, em 1919), passando por nomes como José Lins do Rego, Sandro Moreyra, João Saldanha, Stanislaw Ponte Preta, Paulo Mendes Campos e inúmeros outros, muitos dos quais conhecidos apenas local e regionalmente, até chegar à multiplicidade contemporânea, em que o literário se dissemina pelo jornalismo de TV, pela publicidade e pela internet.

São textos desse tipo que dão ao futebol suas interpretações mais radicais, e por isso mais produtivas. Poderíamos, até mesmo, identificar ao literário esse vetor de deslocamento dos sentidos do futebol, aproximando dele todos os momentos em que o discurso reconhece o jogo como discurso e coloca-o na trama sem limites da narrativa, da memória e da ficção. Perguntar novamente se esses sentidos são elementos internos ao jogo ou apenas questão de interpretação nos ajuda a lembrar que, em qualquer linguagem e qualquer discurso, o sentido é sempre uma produção histórica, um resultado parcial e provisório da semiose contínua e do diálogo polifônico que a cultura não cessa de levar adiante. É essa propriedade da linguagem que a literatura leva ao extremo, conferindo ao jogo dos signos a autonomia ficcional e ajudando-nos a colocar em perspectiva os outros fins e utilizações da linguagem. É nesse terreno movediço, sem dúvida, que se pode dizer que o futebol é uma “metáfora da vida”. Para um objeto desse tipo, é necessária uma abordagem livre das barreiras disciplinares, na qual penso que os estudos literários têm um papel importante a cumprir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- DAMATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social?. In: _____. *Explorações – ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 101-120.
- DAMATTA, Roberto *et al.* *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- ECO, Umberto. A falação esportiva. In: _____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 220-226.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Comunidades imaginadas. *Folha de S. Paulo, Caderno Mais!*. São Paulo, 4 jun. 2006, p. 4-5.
- HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 23, 1999, p. 147-165.
- LABRIOLA, Plínio José. Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40. In: COSTA, Márcia Regina da *et al. Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999, p. 214-239.
- LOPES, José Sergio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista da USP – Dossiê Futebol*. São Paulo, n. 22, jun. 1994, p. 64-83.
- MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2003.
- MURAD, Mauricio. Considerações possíveis de uma resposta necessária. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 24, 1999, p. 431-446.
- NEVES, Luiz Felipe Baêta. Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In: _____. *O paradoxo do curinga e o jogo do poder e saber*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1979, p. 1-18.
- PEDROSA, Milton (Org.). *Gol de letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- RODRIGUES FILHO, Mário Leite. *O negro no futebol brasileiro*. 3. ed. Petrópolis: Firmo, 1994.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: _____. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 73-106.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- _____. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. Belo Horizonte, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários). Faculdade de Letras da UFMG, 1997.
- SOARES, Antonio Jorge. História e invenção de tradições no campo do futebol. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 23, 1999, p. 119-146.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em 10.09.2013

Aceito em 25.11.2013